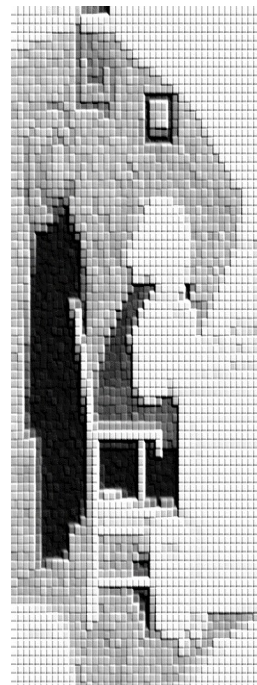

BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRELIMINAR

CONHECENDO KARL MARX: UMA INTRODUÇÃO
O UNIVERSO MARXIANO, PRINCIPAIS CONCEITOS (3)

TEXTO RESUMO
**BURGUESIA, PROLETARIADO,
LUTA DE CLASSES
E
DITADURA DO PROLETARIADO**



BURGUESIA, PROLETARIADO, LUTA DE CLASSES E DITADURA DO PROLETARIADO¹



BURGUESIA

Etimologicamente, “**burguesia**” é uma palavra originária do latim *burgus* – pequena fortificação, castelo ou uma vila murada –, tendo assumido, em sua evolução, o significado de cidade. Os habitantes dos *burgus* eram denominados “burgueses”, em oposição aos habitantes do campo, os “camponeses”. “Burguesia” é um vocábulo com “vários significados históricos, sociais e culturais”. Na Idade Média o conceito se limitou a uma específica classe social formada nas cidades.²

De acordo com o professor Jorge Miglioli, a classe burguesa surge entre os séculos X e XI, na Europa Ocidental, ainda na Idade Média (século V ao XV), “sob a forma mercantil, isto é, composta por comerciantes, cambistas e emprestadores de dinheiro, e logo em seguida é aumentada com a participação dos artesãos urbanos”. Nesse período, no qual vigorava o modo de produção feudal, ou Feudalismo, “o poder político esteve nas mãos da nobreza, dos grandes senhores de terras [e do clero], o que não impediu o crescimento e enriquecimento da burguesia”.³

1 Autor do texto: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

A imagem exibida na primeira página deste texto reproduz a gravura de capa do livro *Grundrisse*, da autoria de Karl Marx, publicado no Brasil pela Boitempo Editorial em 2011 (Disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/grundrisse-311>. Visto em 20.04.2020).

As imagens inseridas nesta página – “Retrato de uma família”, pintura de Frédéric Bazille (1867); “O Quarto Estado”, pintura de Giuseppe Pellizza da Volpedo (1901); “Pirâmide do Sistema Capitalista”, ilustração publicada no jornal *Industrial Worker of the World*, em 1911, inspirada no desenho russo “Pirâmide Social”, de Nicolas Lokhoff (1901); e “Operários”, pintura de Tarsila do Amaral (1933) – foram extraídas, respectivamente, dos sites https://es.wikipedia.org/wiki/Retrato_de_uma_familia; https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Quarto_Estado; https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes e <https://br.pinterest.com/pin/390405861420769515/>, todos consultados em 12.05.2020.

Por oportuno, aproveitando o ensejo desta primeira Nota, pomos mais uma consideração. Em vista do uso corriqueiro na literatura sobre Karl Marx de expressões derivadas do seu nome, como “marxiano(a)” e “marxista”, para identificar o interlocutor a que se refere, o que aqui não será diferente, vale mencionar os critérios que utilizaremos para também empregá-las neste texto. O termo “marxiano(a)” será adotado para fazermos referência aos escritos e pensamento do próprio Marx. Já o vocábulo “marxista” será tomado quando da menção àqueles que buscam interpretar, não sem divergências entre si, o amplo campo do pensamento sociológico, econômico, político e filosófico de Marx e sua análise metodológica desses aspectos, na defesa de uma prática política transformadora e revolucionária da sociedade; que, em seu conjunto, se denomina “marxismo”.

2 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>. Consultado em 12.05.2020.

3 MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp, 2010, p. 14. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf. Consultado em 12.05.2020. Sobre o gênero “modo de produção” e uma de suas espécies, o “modo de produção feudal” ou “Feudalismo”, bem como sobre a “forma mercantil” de prática econômica, mencionados no parágrafo em Nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produção, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo> e

Ainda na companhia de Miglioli, “com a formação das monarquias absolutistas (apoiadas pela burguesia), unificando territórios, mercados, leis, moedas, tributos etc., o poder político se concentrou nos reis. Bastante enriquecida, uma parte da burguesia começou a comprar terras, conquistar títulos de nobreza e, inclusive, a assumir cargos nos governos”.⁴

No final da Idade Média (século XV), essa classe social formada nos *burgus*, ao possuir o direito de cidadania e, com ele, vários privilégios sociais e econômicos, muito embora continuasse sendo uma classe subordinada, “se fortaleceu, adquiriu maior experiência e começou a vislumbrar a possibilidade de tomar o poder [político]”. A partir do século XVI, por meio das denominadas “Revoluções burguesas”⁵, a burguesia passa a deter também o poder político, além de consolidar seu poder econômico e social, dando início à Era conhecida como Capitalista, ou Capitalismo, constituindo-se como a classe dominante dessa nova ordem econômica, política e social⁶.

Em conformidade com o que elucidou Friedrich Engels⁷ em carta a Marx, a nova sociedade que se formava a partir dos ideais da burguesia, a **sociedade burguesa**, seria, portanto “[...] a fase do desenvolvimento social, em que a burguesia, a classe média, a classe industrial e comercial dos capitalistas, é a **classe dominante, social e politicamente**, o que é, presentemente, mais ou menos, o caso em todos os países civilizados da *Europa* e da *América*” (grifo do autor).⁸

Considerando o processo de hierarquia social no âmbito de um sistema de classes sociais, como o do mundo Ocidental, mas não só aí, a expressão “classe dominante” é utilizada para designar a classe que controla o processo econômico e político em determinada sociedade e momento da história⁹. A par disso, de acordo com a análise

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.

4 Idem, p. 14, consultado na mesma data (O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas).

5 Acerca das “Revoluções burguesas” citadas no parágrafo em Nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_burguesas.

6 Em relação à sua origem, interessante registrar que o Capitalismo não nasce com a [Revolução Industrial](#), tampouco se reduz à sua fase industrial. O modo de produção capitalista é constituído por três fases históricas: a primeira fase (do século XV/XVI ([Era dos Descobrimentos](#)) ao século XVIII), o *Capitalismo Comercial* ou *Mercantil*, também denominado por alguns estudiosos de “pré-capitalismo”; a segunda fase (de meados do século XVIII ao XIX), o *Capitalismo Industrial* ou *Industrialismo*; e a terceira fase (século XX/XXI), o *Capitalismo Financeiro* ou *Monopolista*. Já se afirma que vivenciamos, com o início do século XXI, a sua quarta fase, o *Capitalismo Informacional* ou *Capitalismo Cognitivo* (Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>. Visto em 12.05.2020).

7 Sobre Friedrich Engels, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

8 ENGELS, Friedrich. *Carta a Karl Marx (Manchester, 23 de setembro de 1852)*. Disponível em <http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP40Port.htm>. Consultado em 12.05.2020.

9 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_social. Consultado em 12.05.2020. Conforme o contido no site em referência, o sistema de *classe social* consiste “na reunião de membros de uma sociedade com situação social similar, classificados em determinado agrupamento segundo critérios diversos, especialmente o *econômico*” (grifo nosso). A divisão social por classes “diferencia-se do sistema de [casta social](#) na medida em que ao membro de uma dada casta normalmente é impossível mudar o *status social* de que é originário”; aspecto que o difere do sistema de classes, “onde é possível”, ao menos em tese, em relação ao seu membro, “uma mobilidade entre elas”. Em conformidade com a ótica marxista, em praticamente toda sociedade, seja ela [pré-capitalista ou caracterizada por um capitalismo desenvolvido](#), “a desigualdade social espelhada pela classe a que uma pessoa pertence está relacionada ao poder aquisitivo e acesso à renda, ao nível de escolaridade e padrão de vida, entre outros aspectos”. Num sistema de classes, segundo Marx, em um polo, situa-se a *classe dominante* (exemplos: imperador, rei/nobreza, senhores feudais, burguesia – classes específicas a cada sociedade historicamente situada), que é “quem controla direta ou indiretamente o Estado”. Noutro polo, encontra-se a *classe dominada* (exemplos: escravos, servos, vassalos, proletários – igualmente classes específicas a cada sociedade historicamente situada), cujo “contexto social é reproduzido inexoravelmente por uma estrutura social implantada pela classe dominante da época”. Segundo a visão marxiana de mundo, “a história da humanidade é a sucessão das *lutas de classes*, de forma que sempre que uma classe dominada passa a assumir o papel de classe dominante surge em seu lugar uma nova classe dominada, sobre a qual o agrupamento dominante impõe a estrutura social mais adequada para a

marxiana/engeliana, a **burguesia** se apresenta como a **classe social dominante** do modo de produção capitalista¹⁰.

No capitalismo, a burguesia, ou classe social burguesa, ou, ainda, classe capitalista, é a detentora dos meios e da capacidade de organizar a produção, ainda que não necessariamente tenha o controle total do processo de expansão econômica.

Na difundida teoria social de Marx, o termo “**burguesia**” ou “**alta burguesia**” denota a classe social que detém a **propriedade dos meios de produção de riqueza**, cujos integrantes são os grandes industriais, banqueiros, grandes empresários do agronegócio e do comércio etc. Sua preocupação é a preservação da propriedade e do capital privados, a fim de garantir a supremacia econômica e política na sociedade. Em uma síntese, veja o que diz Marx referindo-se ao indivíduo no sistema capitalista: “[...] Seu poder social, assim como seu nexos com a sociedade, [o indivíduo] traz consigo no bolso”¹¹.

No âmbito do sistema de classes sociais inerente ao capitalismo há também a **pequena burguesia**, considerada um estrato econômico da burguesia. Essa classe social, cujo membro é nominado de “pequeno-burguês”, compreende capitalistas e mercadores de pequena escala, além de trabalhadores semiautônomos, cuja posição econômica é determinada como se refletindo na denominada “alta burguesia”, com a qual alguns pequeno-burgueses desejam se identificar e procuram imitar. Outros pequeno-burgueses encontram mais semelhanças entre a sua situação intermédia e o proletariado, unindo-se a este para combater a alta burguesia.

No contexto do processo de antagonismo (luta) de classes existente no bojo da organização socioeconômica burguesa ou capitalista, em um polo situa-se a alta burguesia, **classe dominante** que controla direta ou indiretamente o Estado. Noutro polo, na condição de **classe dominada**, situa-se o proletariado.

Nesse sentido, o capitalismo apresenta a burguesia como a “classe alta”, a pequena burguesia como a “classe média” e o proletariado, ou o trabalhador assalariado de modo geral, como a “classe baixa” da sua estrutura social, sem prejuízo de que no interior de cada uma delas haja níveis distintos de gradação (ascendente e descendente).

Assim sendo, de forma genérica, toda estratificação social é resultante da reprodução de uma estrutura social implantada exatamente pela classe que domina, que, no caso da sociedade burguesa, corresponde à classe burguesa ou à burguesia.

perpetuação da exploração” (grifo nosso). De acordo com a teoria de Karl Marx, a divisão da sociedade em classes “é consequência dos diferentes papéis que os grupos sociais têm no [processo de produção](#). É o papel de cada classe em uma sociedade que define o nível de fortuna e de rendimento, o gênero de vida e numerosas características culturais das pessoas a ela pertencentes”.

10 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>. Consultado em 12.05.2020 (Os parágrafos seguintes foram redigidos com base em consulta ao *site* referenciado, na mesma data). No que se refere à categoria *modo de produção capitalista*, citada no parágrafo em Nota, trata-se de uma forma de organização socioeconômica baseada na [propriedade privada](#) dos [meios de produção](#), em uma [economia de mercado](#) e na sua operação para [fins lucrativos](#). Desse conceito derivam as suas características centrais: [acumulação de capital](#), [trabalho assalariado](#), [sistema de preços](#) e [mercados competitivos](#). As características centrais do capitalismo incluem, portanto, a propriedade privada dos meios de produção (os quais não são a mesma coisa de bens pessoais, aqueles destinados ao uso, consumo e desfrute do cidadão, que é seu proprietário, sendo sua a livre disposição, a exemplo do carro, roupas, casa etc.) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Consultado em 30.05.2020). As primeiras considerações sobre o modo de produção capitalista com um pouco mais de detalhe apresentamos em nosso texto “Arrazoados e sinopse de *O capital*”, disponibilizado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *Pensamento econômico*), deste [Blog](#).

11 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011, p. 105.

Para Karl Marx, a sociedade capitalista ou burguesa, portanto, caracteriza-se “pelo fato de a burguesia ser a classe que detém a propriedade e o controle dos meios sociais de produção ou, pelo menos, a maior parte deles (pois a parte restante pode ser controlada por empresas públicas ou estar em mãos de pequenos proprietários [a pequena burguesia])”. Esse fato geralmente é examinado “pelo ângulo da exploração”, ou seja, pela análise de “como o monopólio dos meios de produção por parte da burguesia como um todo permite que ela explore a classe trabalhadora”.¹²

Sobre a classe dominada, em se tratando da ordem socioeconômica capitalista/burguesa, o “proletariado” (ou trabalhador em geral), discorreremos a seguir.

12 MIGLIOLI, Jorge. Op. cit., p. 13 (*site* consultado em 12.05.2020).

PROLETARIADO¹³

A origem da palavra “**proletariado**” remonta à Roma Antiga (século VI a.C.) e era empregada para descrever os cidadãos de classe mais baixa, que não tinham propriedades e cuja única utilidade para o Estado era gerar *proles* para engrossar as fileiras dos exércitos do império.

Derivada do latim *proles* (filho, descendência, progênie), é uma expressão usada no marxismo para definir a classe social **oposta** à classe burguesa (burguesia). Ou, como temos buscado caracterizar sob o aspecto hierárquico-social neste texto, a **classe dominada** da relação socioeconômica capitalista/burguesa.

Em sua conotação moderna, o termo “proletariado” foi associado à Revolução Industrial (século XVIII). Com a revolução industrial surgiu o que conhecemos como Capitalismo Industrial, momento em que todas as relações sociais entre os indivíduos passaram a ser mediatizadas definitivamente pelo **mercado**, substituto dos laços comunitários característicos das sociedades anteriores. Mercado, este, configurado pela **separação** entre o agente do processo de trabalho e a propriedade dos meios de produção – condição indispensável para a existência e consolidação do Capitalismo.

Na concepção marxiana de hierarquia social, como observamos anteriormente, o proletariado, ou o trabalhador assalariado de maneira geral, é definido como a classe baixa da estrutura hierárquica da sociedade capitalista ou burguesa, situando-se na categoria de classe dominada. Já a pequena-burguesia, considerada classe média, e a burguesia, classe alta, situam-se na condição de classes dominantes, embora com graus distintos de dominância.

O vocábulo “proletário” foi utilizado ao longo da história com um sentido depreciativo, até que, no século XIX, a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, socialistas e comunistas o utilizaram para identificar o membro da classe dos **sem propriedade de meios de vida** e de **meios de produção** do capitalismo industrial, elevado por aqueles a **protagonista** da revolução apregoada.

Na concepção marxiana/engeliana, o proletário é aquele que não tem nenhum outro meio de vida, exceto sua **força de trabalho** (suas aptidões) que ele “**vende**” para sobreviver (**assalariamento**). A palavra “proletariado” define, assim, o conjunto dos proletários considerados enquanto formadores de uma classe social.

A existência de indivíduos privados de propriedade dos meios de produção e de meios de vida permite que os capitalistas (os proprietários dos meios de produção e de vida) encontrem no mercado um “**objeto de consumo**” ou “**mercadoria**” que age e pensa – o trabalhador, com suas capacidades humanas oferecidas no mercado de trabalho¹⁴.

Ao “vender” sua força de trabalho, em troca de um salário, o proletário ajuda a gerar bens para a população e aumenta suas habilidades como trabalhador, possibilitando que cobre cada vez mais pela força de seu trabalho. O comprador (o capitalista) comanda o labor

13 Os parágrafos seguintes foram redigidos com base no conteúdo do site <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>, consultado em 13.05.2020.

14 A concepção marxiana de *força de trabalho* como *mercadoria* será examinada no decorrer da presente **Expedição Karl Marx: Para ler *O capital***.

do proletário, inclusive os parâmetros negociais dessa relação, e se apropria dos produtos da sua força de trabalho para vendê-los no mercado.

Conforme o historiador Augusto César Buonicore, a partir do advento do capitalismo industrial, o proletariado foi identificado tipicamente com a classe operária fabril, geralmente vinculada às fábricas e indústrias. Ocorre que, na segunda metade do século XX, ganhou força o debate sobre quais seriam as fronteiras que separariam a classe operária, ou classe proletária típica, das demais camadas de trabalhadores assalariados, o que provocou a seguinte indagação: **O que é o proletariado moderno?**¹⁵

Para as organizações socialistas a questão posta não é secundária, ela tem implicações políticas de vulto. Os defensores de uma conceituação mais restrita de proletariado (**proletário = operário fabril**) alegam que a maior consequência de se aceitar todos os assalariados como membros do proletariado seria a diluição do papel central dos operários manuais no processo de transição revolucionária para o socialismo. E isso, por sua vez, refletiria negativamente no conteúdo de classe e na formatação do partido revolucionário de vanguarda, com repercussão direta no próprio projeto de construção do socialismo.

Já para aqueles que defendem uma conceituação ampliada de proletariado (**proletário = assalariado**) na condição de classe social, uma visão restrita da sua composição conduziria o movimento socialista a um “beco sem saída”, visto a crescente redução quantitativa da classe operária tradicional observada no âmbito da organização socioeconômica capitalista.

Outra questão que apontam estaria ligada ao modelo de construção do socialismo: um conceito de proletariado restrito levaria à constituição de um poder socialista assentado numa minoria da classe trabalhadora, podendo conduzir à restrição democrática do poder político – ou seja, a “ditadura do proletariado” poderia se constituir numa “ditadura” de uma minoria¹⁶.

No final da década de 1950, em conformidade com Buonicore, um debate sobre o tema foi fomentado pela revista internacional *Problemas da paz e do socialismo*, ligada ao Partido Comunista da União Soviética (PCUS), durante um intercâmbio organizado pela revista sobre a estrutura da classe operária nos países capitalistas, cuja discussão vale a pena resgatar para termos uma noção de como era tratada a questão já naquela época, até mesmo para repercuti-la nos dias de hoje, notadamente quando presenciamos, como um fenômeno mundial, a tentativa de se transformar uma típica relação de trabalho em microempreendedorismo (ou “nanoempreendedorismo”), a exemplo do denominado processo de “uberização” do trabalho¹⁷.

15 BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, edição 54, 2002. Disponível em <https://fmauriciograboys.org.br/portal/autores/148683-39634/2015-02-09/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-media-1-parte> e <https://www.graboys.org.br/portal/autores/148682-39634/2015-02-19/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-media-2-parte>. Visto em 13.05.2020 (Idem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

16 Em momento próprio deste texto resumo abordaremos especificamente sobre *ditadura do proletariado*.

17 De acordo com Emerson Trindade Acosta e Melani Ruppenthal, “[...] O termo uberização foi cunhado para caracterizar uma nova forma de gerenciamento e organização do trabalho [baseada no uso de plataformas/aplicativos digitais para a prestação de serviços]. Embora o nome remeta a uma empresa específica [Uber], expõe uma tendência que perpassa o mundo do trabalho e que, de forma global, vem atingindo diversas ocupações. Para além das recentes ferramentas digitais, esse processo é remanescente de décadas de flexibilização trabalhista e vem, cada vez mais, tomando espaço. A pesquisadora Ludmilla Costhek Abílio, doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, explica que o cerne dessa nova forma está na possibilidade de transformar o trabalhador em um nanoempreendedor (ou gerente) de si próprio. ‘Esse

Segundo aquele historiador, a conclusão do evento foi que, na dinâmica do capitalismo em sua fase financeira ou monopolista, o número de operários manuais ligados diretamente à produção de bens materiais, ou ao denominado “trabalho produtivo”, ou seja, aquele trabalho considerado como “produtor direto de mais-valia ou mais-valor”, tenderia a reduzir, ao passo que o número de trabalhadores não diretamente produtivos (não manuais), isto é, aqueles que desempenham “trabalho improdutivo”, ou “intelectual”, como é chamado o tipo de trabalho não manual, considerado na concepção marxiana como não “produtor direto de mais-valia ou mais-valor”, inclinaria a aumentar¹⁸.

Assim sendo, a maioria dos participantes do referido intercâmbio foi contrária à redução do conceito de proletariado ao de operário fabril, diretamente produtivo, expandindo-o para incluir todas as classes trabalhadoras assalariadas.

Aliás, como nos mostra o autor em comento, o próprio Marx já deliberara nesse sentido, afirmando: “O aumento extraordinário das forças produtivas, nas esferas da grande indústria, acompanhado como está de uma exploração cada vez mais intensa e extensa da força de trabalho de todos os demais ramos da produção, permite empregar improdutivamente uma parte cada vez maior da classe operária”.

Porém, em sentido contrário à maioria dos participantes do evento em pauta, alguns sociólogos entendiam que a despolarização da sociedade descentralizaria o problema da luta de classe e garantiria a estabilização do capitalismo.

Buonicore, posicionando-se no debate, aponta que o critério de definição de classe não poderia ser reduzido à relação direta (física) com os meios de produção, expressa na contraposição entre trabalho manual (“produtivo”) e intelectual (“improdutivo”). Para ele, a diferença fundamental da situação da classe do proletariado não seria a união direta com os meios de produção, e sim a sua separação dos mesmos.

O fundamental para determinação de classe, complementa aquele autor, “seria a **relação de propriedade e não-propriedade** que se estabeleceria com os **meios de produção** e o **assalariamento**. Os dois fatores elencados determinariam outros aspectos como o nivelamento dos níveis de vencimento, instabilidade no emprego etc” (grifo nosso).

Do ponto de vista daquele historiador, os trabalhadores do comércio e dos bancos, por exemplo, comporiam a classe proletária moderna porque, além de não proprietários dos meios de produção, seriam assalariados. Mas, existe outro fator fundamental, abaliza Augusto

nanogerente passa a estar desprovido de qualquer direito, proteção ou garantia. Ao mesmo tempo, ele passa a arcar com uma série de riscos dessa atividade”, ressalta” (grifo nosso) (in **Uberização do trabalho**. Porto Alegre-RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>. Consultado em 13.05.2020).

Ressaltamos, a propósito, que não é a utilização da tecnologia em si que está em discussão, mas sim a relação social que se constituiu a partir da nova forma de organização do trabalho oriunda do seu uso em larga escala, por meio de aplicativos digitais, sob o controle de empresas como a multinacional Uber da área de transporte privado urbano. Sobre o assunto, recomendamos a entrevista com a pesquisadora Ludmilla Abílio, disponível em <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/590086-o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio> (consultado em 13.05.2020).

18 As concepções marxianas de *trabalho produtivo* e *trabalho improdutivo* serão examinadas a miúdo no decorrer do estudo das obras foco da nossa “expedição” **Para ler *O capital***. Da categoria econômica *mais-valia* ou *mais-valor*, também citada no parágrafo em Nota, que na teoria marxiana representa a ideia de “lucro” no sistema capitalista, trataremos em momento próprio deste projeto. Entretanto, a título de uma primeira noção sobre o que significa essa categoria fundamental na crítica de Marx ao capitalismo, veja nosso texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, publicado na já mencionada *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item *Pensamento econômico*, deste [Blog](#).

César Buonicore seguindo a linha marxiana: “apesar de não produzirem mais-valia, eles criariam as condições para que os capitalistas que os exploram se apropriassem de uma parte da mais-valia expropriada dos operários fabris. Esses trabalhadores em comércio e nos bancos, portanto, seriam fundamentais para a reprodução ampliada do capital”.

Por isso, prossegue Buonicore, “apesar de não produzirem diretamente mais-valia, esses assalariados poderiam ser considerados produtivos. Para Marx, seria produtivo, no sentido amplo, todo o ‘trabalho que produz mais-valia ou que serve ao capital de meio para produzir mais-valia e transformar-se, por conseguinte, em capital, em valor produtivo de mais-valia’ [sic]”.

A segunda parte da afirmação de Marx, complementa o historiador em comentário, refere-se justamente ao trabalho dos empregados no comércio e nos bancos. “Assim, vê-se que Marx **não limita** o conceito de trabalhador produtivo ao de operários fabris diretamente vinculados à produção de bens materiais”, conclui (grifo nosso).

Segundo aferição do intercâmbio de sociólogos a que se reporta Augusto Buonicore, a estrutura profissional e as condições de vida dos assalariados intelectuais (engenheiros, técnicos e profissionais de nível médio ou universitário) haviam se transformado muito no curso das décadas precedentes, referindo-se ao período anterior à década de 50.

Observa aquele autor que “a tendência à proletarianização predominou nitidamente sobre a tendência de aburguesamento, antes de tudo porque a imensa maioria dos intelectuais perdeu sua ‘posição independente’. Por isso deve se dizer que a maior parte dos trabalhadores intelectuais se fundiu com a classe operária”.

Os favoráveis a essa conclusão, diz Buonicore, “utilizam o conceito de ‘proletário do trabalho intelectual’, no qual seriam incluídos, por exemplo, os advogados das grandes empresas capitalistas; contanto que estes fossem assalariados e não empregassem força de trabalho alheia”. Para essa corrente:

“[...] o processo de nivelamento do caráter do trabalho dos distintos setores da classe operária leva objetivamente à aproximação ideológica da massa fundamental dos trabalhadores não manuais com o núcleo do proletariado que vai inculcando neles a consciência de classe. No entanto, os próprios adeptos dessa conclusão ‘reconhecem que as coisas são muito mais complexas’, considerando que essa ‘aproximação ideológica com o núcleo do proletariado ainda seria uma promessa não realizada”.

Referindo-se à corrente citada acima, continua o autor do artigo em comentário, avaliando o entendimento de seus integrantes:

“[...] a proletarianização desses assalariados não manuais não estaria isenta de inconseqüências nem os levaria sempre a abraçar a ideologia proletária. Abundam os obstáculos, sobretudo em uma esfera onde seria particularmente lenta a evolução: na esfera da consciência, que nesses empregados estaria sobrecarregada de individualismo e de tradições pequeno-burguesas. Porém, seria ‘no fogo da luta onde os trabalhadores, individualmente ou em grupos, perceberiam plenamente o seu pertencimento

à classe operária e assim ocorreria a proletarização da consciência desses assalariados não manuais”.

Vale transcrever na íntegra a conclusão de Bounicore, sem que isso configure um abono ao que assenta, pelo menos em sua totalidade:

“Se no processo da revolução burguesa a sua fração industrial teve o papel de vanguarda, unificando e às vezes combatendo outras frações de sua própria classe, no processo da revolução socialista caberá à classe operária estrito senso o papel de vanguarda. Portanto, o futuro do socialismo não é indiferente em relação a qual fração de classe do proletariado estará à frente do processo revolucionário e de construção do novo Estado socialista. Nenhuma das frações, ou camadas, do proletariado tem interesse na manutenção indefinida do modo de produção capitalista. Como assalariados, eles não têm interesse especial pela manutenção da apropriação privada dos meios de produção. E justamente por isso podem se unificar num projeto de transição revolucionária. Mas existe uma forte tendência nos setores médios – assalariados intelectuais – em apostar nas saídas reformistas e de obstaculizarem o próprio processo de transição do socialismo ao comunismo. A transição, para ser bem sucedida e não ficar incompleta, deve romper com a burocratização da vida social – eliminando gradualmente o Estado – e com a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, ou seja, não basta a estatização dos meios de produção é preciso também que sejam revolucionarizadas as relações de produção. A ideologia (meritocrática) particular dessa fração do proletariado é avessa a essas tarefas essenciais no processo de transição. Nesse sentido podemos afirmar que grande parte da descrição que Poulantzas faz da ideologia desses ‘assalariados médios’ é correta. Isto, no entanto, não nos deve fazer aceitar as suas teses que incluem esses ‘assalariados médios’ na chamada classe dos pequeno-burgueses. As diferenças entre eles e os pequenos proprietários e profissionais autônomos, são muito grandes. Não só em relação aos meios de produção (relação de propriedade e não-propriedade) e o assalariamento, mas também em relação à ideologia. Entre outras coisas, os assalariados não têm um apego especial à apropriação privada dos meios de produção, visto que não são proprietários e esse fato tem consequências políticas importantes na luta revolucionária.

A incorporação dessa fração do proletariado no processo revolucionário e de construção do socialismo não será fácil, pelos limites apresentados acima, mas ela é possível. Será ainda necessário um grande esforço político-prático da classe operária, dirigida pelo seu Partido de vanguarda, para afastar importantes setores dos assalariados não manuais, impregnados por preconceitos pequeno-burgueses (antissocialistas), das malhas complexas da ideologia burguesa”.

Já em relação especificamente aos trabalhadores por conta própria e aos trabalhadores autônomos, o professor de sociologia Giovanni Alves entende que, por serem “aparentemente” proprietários dos meios de produção, não seriam considerados “proletários” no sentido estrito da palavra. Porém, explicita o professor: “São homens e mulheres subalternos à ordem sociometabólica do capital, tendo em vista que não têm o controle da

produção social nas condições de uma sociedade cada vez mais socializada [sic]”.¹⁹

Prossegue Giovanni:

“Originalmente, o proletário se diferencia do simples trabalhador (autônomo), pois este último pode vender os produtos de seu trabalho (ou vender o seu próprio trabalho como serviço (tal qual o encanador, alfaiate etc.)), enquanto o proletário propriamente dito só vende sua capacidade de trabalhar (suas aptidões e habilidades), sendo que os produtos de seu trabalho e o seu próprio trabalho não lhe pertencem, mas àqueles que compram sua força de trabalho e lhe pagam um salário”.

Não obstante, conclui Giovanni Alves,

“[...] em alguma medida aqueles trabalhadores autônomos e por conta própria estão imersos na condição de proletariedade, embora a situação de propriedade [dos meios de produção ou da sua força de trabalho] lhe seja atribuída. A rigor, a propriedade se investe em ‘posse’, tendo em vista que, mesmo como ‘proprietários’, possuem uma relação de subalternidade com o grande capital oligopólico, não tendo, portanto, o controle do mercado que os submete”.

A par do exposto, é de se perceber que a definição de proletariado da segunda metade do século XX em diante, no que se refere ao processo revolucionário e de construção do socialismo, não é tarefa fácil pelos limites brevemente apresentados e pelos que surgem nos dias de hoje.²⁰

Apresentadas essas noções sobre as duas grandes classes sociais do modo de produção capitalista – burguesia e proletariado –, passemos, adiante, a examinar o fenômeno social da “luta de classes”, ou “antagonismo de classes”.

19 ALVES, Giovanni. **A condição de proletariedade na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n. 21, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>. Consultado em 13.05.2020. Os dois parágrafos seguintes também foram redigidos com base no artigo em referência.

20 Sobre a história da *formação do proletariado* e o *novo proletário*, recomendamos o vídeo com o professor Ricardo Antunes, **A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**, disponível em <https://youtu.be/YyjBHqnxRM0> (visto em 24.11.2020).

LUTA DE CLASSES

A expressão “**luta de classes**”, ou “**luta de classe**” ou, ainda, “**lutas de classes**”, refere-se a um fenômeno social de **tensão** ou **antagonismo** que existe entre pessoas ou grupos de diferentes classes sociais, em função dos competitivos interesses socioeconômicos e desejos diante da lógica do modo de produção adotado por determinada sociedade, em dado momento da história. Esse fenômeno social de tensão/antagonismo interclasse dá forma a um conflito que se expressa, em regra, nos campos **econômico, ideológico e político**.²¹

O conflito de classes, e aqui nos restringiremos à sociedade capitalista, pode assumir muitas formas diferentes, sejam elas legais ou até mesmo ilegais, a saber: a forma **ideológica**, por meio de livros e artigos etc.; a **legislativa**, via aprovação de legislação desejável à classe dominante, com a inclusão, por exemplo, de leis trabalhistas restritivas ou flexibilizadoras de direitos dos trabalhadores; a da **violência direta**, através de disputas travadas por recursos e mão de obra barata; a da **violência indireta**, com mortes por pobreza, fome, doença ou condições de trabalho inseguras; além da **coercitiva**, com a ameaça de perda de empregos ou suspensão de investimentos importantes que podem gerar desemprego ou redução salarial.

O conflito pode ser **direto**, através de um locaute (paralisação dos empregadores) destinado a destruir um sindicato e, também, por meio de greves dos trabalhadores (movimentos paredistas) por melhores salários e condições de trabalho etc.; ou **indireto**, via desaceleração informal na produção pelos trabalhadores como forma de protesto, ou mediante o uso de práticas trabalhistas ilegais, transvestidas de consensuais, por parte do empregador.

Karl Marx, de acordo com o filósofo francês Louis Althusser, faz uma distinção importante na conceituação de luta de classes, ao diferenciar **luta de classe econômica** de **luta de classe política**.²²

A luta econômica desenvolve-se no âmbito da “defesa dos interesses materiais e morais dos trabalhadores”, numa oposição à “tendência de agravamento da exploração capitalista” e à diminuição salarial, por exemplo (uma luta contra o aumento da jornada de trabalho, contra as más condições de trabalho etc.) – o que Marx denomina de “**luta de classe defensiva**” (grifo nosso).²³

Já a luta de classe política, que Marx considera como “**luta ofensiva**” (grifo nosso), diz respeito à luta pela conquista do poder de Estado, por meio da revolução socialista, com vistas à construção do socialismo – passo antecedente à implantação do comunismo, etapa na qual seria estabelecida uma sociedade sem antagonismos de classes sociais (devido à abolição do sistema de classes), e, por conseguinte, desprovida da dimensão estatal (o Estado político).

A visão de que a luta de classes fornece a **alavanca** para mudanças sociais radicais é fundamental nos trabalhos de Karl Marx. Segundo o filósofo revolucionário

21 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes. Consultado em 14.05.2020. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base em consulta ao site referenciado, na mesma data.

22 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 48 e 49 (texto “Advertência aos leitores do Livro I d’*O capital*”).

23 Idem, p. 48. O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas.

socialista/comunista alemão, muito embora nas sociedades primitivas não houvessem divisões sociais, a substituição dessas sociedades originais por civilizações marcadas pela exploração e dominação dos povos caracterizou grande parte da história da humanidade como uma história da luta de classes²⁴. Para Marx, “a história da sociedade humana é a **história de classes dominantes**, uma após a outra” (grifo nosso).²⁵

Foi assim no **sistema asiático** (forma mais geral de evolução econômico-social pós-comunidade primitiva): rei ou faraó e nobres (sacerdotes e guerreiros) versus camponeses servos e escravos; no **sistema escravista** (Roma antiga): imperador, patrícios e clientes versus plebeus e escravos; e, no **sistema feudal** (Idade Média): senhores feudais ou suseranos, clero, nobreza, e homens livres versus vassalos, servos e súditos.²⁶

Com a superação do feudalismo, a sociedade burguesa moderna, que surgiu do declínio da sociedade feudal, instalando o **sistema capitalista**, não aboliu os antagonismos de classes. Ao contrário, estabeleceu novas classes e novas condições de opressão. Esse sistema se caracteriza por ter simplificado os antagonismos de classe em dois grandes campos hostis: **burguesia e proletariado**. Tal antagonismo tem como marco inicial qualitativo a criação da **propriedade privada dos meios de produção**.

Em síntese, arremata Marx: “opressores e oprimidos estiveram em constante oposição uns aos outros no decorrer da história, travaram uma luta ininterrupta, ora dissimulada, ora aberta, que a cada vez terminava com uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta”.²⁷

Desse processo histórico de luta de classes resulta a denominada por Marx de “**ditadura da classe dominante**” (grifo nosso). No âmbito no modo de produção capitalista, ou capitalismo, a ditadura da classe dominante corresponde à “**ditadura da burguesia**”. De outra banda, em relação ao modo de produção socialista, ou socialismo *strictu sensu*, a ditadura da classe dominante diz respeito à “**ditadura do proletariado**”, fase de transição do capitalismo para o comunismo, sobre a qual versamos a seguir.

24 Sobre a sociedade primitiva ou modo de produção primitivo, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo_primitivo#Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o_primitivo.

25 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000, p. 45.

26 Idem, p. 46. O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas. Sobre os sistemas citados, veja [sistema asiático](#), [sistema escravista romano](#) e [sistema feudal ou feudalismo](#).

27 Ibidem, p. 45 e 46.

DITADURA DO PROLETARIADO

Da construção teórica político-social marxiana, referente ao processo revolucionário em si, emerge o que Karl Marx denominou de “**ditadura de uma nova classe dominante**”.

Para ficarmos restritos à história moderna, com a superação do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista, a partir do processo das denominadas “Revoluções Burguesas”, quando a classe burguesa passou a deter não só o poder econômico, mas também o poder político e social, deu-se a instalação do que foi nominada de “**ditadura da burguesia**”, de onde deriva o que Marx proclama de “**Estado burguês**”.

De outra banda, uma vez iniciado o procedimento de superação do modo de produção capitalista, por meio do processo revolucionário protagonizado pelo proletariado (trabalhadores em geral), tem-se a implantação do modo de produção socialista com a assunção pelos proletários do poder econômico, político e social do Estado²⁸. Em decorrência

28 Esse e os parágrafos seguintes foram redigidos com base no conteúdo do site https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado, consultado em 15.05.2020.

Sobre o *modo de produção socialista*, ou *socialismo*, no bojo do qual se instala a “ditadura do proletariado”, é importante pontuar, de início, que Karl Marx e Friedrich Engels não cunharam os termos nem as primeiras ideias de socialismo e comunismo. De acordo com o cientista político inglês Andrew Vincent, “a palavra ‘socialismo’ encontra sua raiz no latim *sociare*, que significa combinar ou compartilhar” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Etimologia>. Visto em 04.05.2020). Estudiosos sugerem “que elementos do pensamento socialista estavam presentes na política dos filósofos gregos clássicos *Platão* e *Aristóteles*”. Os ensinamentos de *Jesus Cristo* também são descritos como de conteúdo socialista. Em decorrência da Revolução Industrial (1760), surgiu, em meados do século XIX, o que se denominou de “socialismo moderno”, pensamento originário da classe intelectual, derivado, por sua vez, dos movimentos políticos de trabalhadores desencadeados a partir do final do século XVIII, com destaque para o movimento operário britânico *cartista* (1830), face aos efeitos negativos da industrialização nascente e da propriedade privada dos meios de produção sobre a sociedade (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Socialismo_primitivo. Visto em 04.05.2020). Além das mudanças geradas pela primeira revolução industrial, a história do surgimento do socialismo moderno também encontra suas origens nas ideias trazidas pela *Revolução Francesa*. O uso da expressão “socialismo” no sentido político-ideológico geralmente é atribuído ao filósofo político francês *Pierre Leroux* (1798-1871), que, em um jornal de Paris (1834), denominou de socialismo “a doutrina que não desistiria dos princípios de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* da Revolução Francesa de 1789” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_socialismo. Visto em 04.05.2020). Leroux foi um seguidor do filósofo e economista também francês *Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon* (1760-1825), um dos fundadores do socialismo moderno, “que mais tarde seria rotulado de ‘socialismo utópico’”. O pensamento socialista veio contrastar com a doutrina *liberal* do *individualismo* “que enfatizava o *valor moral do indivíduo*” (grifo nosso). Os socialistas modernos originais “condenaram a doutrina do individualismo por não abordar as preocupações sociais oriundas da Revolução Industrial, como a pobreza, opressão e a vasta *desigualdade de riqueza*. [...] Eles apresentaram o socialismo como uma alternativa ao individualismo liberal”, defendendo a propriedade compartilhada de recursos”. Além de Saint-Simon, também são considerados como fundadores do pensamento socialista moderno o economista e filósofo francês *Charles Fourier* (1772-1837), o industrial e reformista galês *Robert Owen* (1771-1858) e o jornalista e político espanhol-francês *Louis Blanc* (1811-1882), além do filósofo francês *Joseph-Proudhon* (1809-1865) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Etimologia> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Socialismo_primitivo. Vistos em 04.05.2020). Em 1848, os filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels, na obra *Manifesto do Partido Comunista*, construíram um conceito próprio para o “socialismo”, fazendo uma distinção fundamental entre este termo e “comunismo”, que, até então, eram geralmente tratados como sinônimos. Com Marx e Engels, o vocábulo “socialismo” ganhou um significado estrito: uma *fase de transição* do capitalismo para o comunismo. Ou seja, no sentido marxiano/engiliano, o socialismo é definido como um modo de produção ou organização socioeconômica que advoga a administração e *propriedade coletiva* dos meios de produção e distribuição de bens, constituindo-se um estágio socioeconômico intermediário entre o modo de produção capitalista e o comunista (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_socialista e https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o_socialista. Vistos em 04.05.2020). Sob o aspecto político, a ideia de socialismo em Marx diz respeito a uma *ação revolucionária* de transformação da sociedade baseada na *luta de classes* (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes#Origens. Visto em 20.04.2020). Essa nova acepção da palavra ficou conhecida como “socialismo ‘científico’”, em contraposição ao “socialismo ‘utópico’”, como examinamos no texto “Socialismo ‘científico’ e Socialismo utópico”, publicado na *Seção Preliminar* -

desse processo, toma forma a “**ditadura do proletariado**”, materializada na assunção do controle político, social e econômico pela classe proletária ou trabalhadora, constituindo-se, desta feita, o que se denominou de “**Estado proletário**”.

A origem do termo “ditadura do proletariado” é atribuída ao comunista alemão Joseph Weydemeyer, que o utilizou em seu artigo homônimo de 1852²⁹. A expressão foi adotada posteriormente por Marx e Engels, mas ainda antes, em 1848, no *Manifesto do Partido Comunista*, os autores já indicavam, muito embora sem lançar mão do vocábulo expressamente, o que corresponde a um estágio no qual o proletariado, ou seja, a classe trabalhadora, passa a deter o controle do poder político, afirmando que os objetivos do proletariado “só podem ser alcançados com a derrubada violenta

Conhecendo Karl Marx: uma introdução (item *Pensamento político-ideológico*), deste [Blog](#).

Na obra *Crítica ao Programa de Gotha* (1875), Marx menciona que no socialismo a retribuição econômica e social seria baseada em feitos – “o indivíduo recebe da sociedade exatamente o que lhe oferece” –, e não, necessariamente, nas necessidades das pessoas, o que somente ocorreria a partir da implantação do comunismo (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. Visto em 04.05.2020). O socialismo, fase que corresponderia ao brocardo “*De cada um de acordo com sua capacidade, a cada um segundo sua contribuição*”, seria, assim, “o estágio inferior do comunismo” (grifo nosso), enquanto que o comunismo o próprio estágio superior (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Marxismo>. Visto em 04.05.2020). A economia socialista “parte da premissa de que ‘os indivíduos não vivem ou trabalham isolados, mas vivem em cooperação uns com os outros. Além disso, tudo o que as pessoas produzem é, em certo sentido, um *produto social* [...]’. A sociedade como um todo, portanto, deve possuir ou pelo menos controlar a propriedade para o benefício de todos os seus membros” (grifo nosso) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Economia>. Consultado em 04.05.2020). No modo de produção socialista, sob a ótica marxiana, a divisão de classes sociais ainda permanece. Porém, em decorrência do processo da luta de classes que desemboca na revolução proletária, o proletariado assume o protagonismo político face à classe burguesa (ou capitalista), ainda que temporariamente. Elevando-se à condição de classe dominante, via “ditadura do proletariado”, a classe proletária continuará a conduzir o processo revolucionário, desta feita, do socialismo ao comunismo (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. Visto em 04.05.2020).

O objetivo fundamental do modo de produção socialista “é atingir um nível tecnológico avançado de produção material e, portanto, maior *produtividade*, *eficiência* e *racionalidade*, em comparação com o capitalismo e todos os sistemas econômicos anteriores, sob a perspectiva de que uma expansão da capacidade produtiva humana é a base para a extensão da liberdade e igualdade na sociedade. [...] Em particular, o socialismo sustenta que costumes sociais, valores, traços culturais e práticas econômicas são *criações sociais* e não o resultado de uma lei natural imutável. O objeto de sua crítica não é, portanto, a *avareza* humana ou a *consciência* humana, mas as *condições materiais* e os *sistemas sociais* feitos pelo homem (isto é, a *estrutura econômica* da sociedade) que dá origem aos problemas sociais e às ineficiências observados” (grifo nosso), como os que se verificam na sociedade capitalista. Karl Marx acreditava que “a expansão das forças produtivas e da tecnologia era a base para a expansão da liberdade humana e que o socialismo, sendo um sistema consistente com os desenvolvimentos modernos da tecnologia, permitiria o florescimento de ‘individualidades livres’ por meio da redução progressiva de tempo de trabalho necessário” (grifo nosso), a partir das quais o homem poderia expressar “um aspecto essencial da sua natureza”, a “*criatividade*”, visto que, para os socialistas, a liberdade é “um estado de ser onde os indivíduos são capazes de expressar sua criatividade sem ser impedidos por restrições de escassez material e instituições sociais coercitivas” (Disponível https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Teoria_social_e_pol%C3%ADtica. Visto em 04.05.2020).

O socialismo, em sentido amplo, “abrange uma gama de sistemas *econômicos* e *sociais* caracterizados pela *propriedade social* dos meios de produção. [...] Embora nenhuma definição única englobe os muitos tipos de socialismo, a propriedade social é o elemento comum. Os tipos de socialismo variam com base no papel dos mercados e do planejamento na alocação de recursos e na estrutura de gestão das organizações” (grifo nosso) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>. Visto em 04.05.2020). Em nosso tempo, as ideias socialistas incorporaram causas diversas, como as ligadas ao *ambientalismo*, *feminismo* e *progressismo*, ao (anti)*racismo* e à *diversidade de gênero*, entre outras questões que englobam a defesa dos *direitos humanos*. Por fim, é de acrescentar que no âmbito político-ideológico do pensamento socialista, assim como no capitalista, há uma gama de vertentes cada uma com suas visões peculiares e divergentes em algum grau entre si, a exemplo do *socialismo democrático*, *social-democracia*, *socialismo libertário* e *ecossocialismo* (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>. Consultado em 04.05.2020).

- 29 “Em 1º de janeiro de 1852, o jornalista comunista [Joseph Weydemeyer](#) (1818-1866) publicou um artigo intitulado ‘Ditadura do Proletariado’ no jornal de língua alemã *Turn-Zeitung*, onde escreveu que ‘é bem claro que não pode haver aqui quaisquer dúvidas sobre transições pacíficas graduais’, lembrando a era de [Oliver Cromwell](#) (1599-1658), na Inglaterra, e o [Comitê de Salvação Pública](#) (1793-1795) na França, como exemplos de ‘ditadura’ e ‘terrorismo’ respectivamente”, ambos momentos de luta e violência interclasses ambientados no processo de consolidação das

de toda a ordem social até aqui existente”³⁰.

O vocábulo foi usado por Marx e Engels para descrever o **Estado proletário**, considerando que “a ditadura do proletariado, em si, não constitui mais que uma **transição** para a abolição de todas as classes e a uma sociedade sem classes” (grifo nosso)³¹ – opondo-se, digo eu, à perpetuação do domínio de uma classe sobre outra, ainda que com “sinal trocado”.

Para Marx, o Estado proletário representaria tão somente um **estágio transitório** e **necessário** até que se fizesse cessar as contradições internas do capitalismo. Passo intermediário e imperativo entre o modo de produção capitalista e o modo de produção comunista³², consolidando o processo de superação

revoluções burguesas europeias (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado#Abordagens_te%C3%B3ricas. Consultado em 15.05.2020).

30 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 82. Reforçando o realçado no parágrafo em Nota e nos dois anteriores, é mesmo no *Manifesto do Partido Comunista*, mais precisamente no Capítulo I, que encontramos, já em 1848, os traços determinantes da denominada “ditadura da classe dominante”, desdobrada, em cada caso, em “ditadura da burguesia” e “ditadura do proletariado” (Idem, p. 45-57). Desse escrito político-ideológico de autoria conjunta de Marx e Engels tratamos no artigo expositivo da obra, publicado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item *Pensamento político-ideológico*, deste [Blog](#).

31 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado#Abordagens_te%C3%B3ricas. Visto em 15.05.2020. A frase transcrita no parágrafo em Nota foi extraída de um trecho da carta de Marx à Joseph Weydemeyer no mesmo ano da publicação do artigo *Ditadura do Proletariado*, a saber: “Muito antes de mim, historiadores burgueses haviam descrito o desenvolvimento histórico dessa luta entre as classes. Minha própria contribuição foi mostrar que a existência das classes está simplesmente ligada a determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção; que a luta de classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; que esta ditadura, em si, não constitui mais que uma transição para a abolição de todas as classes e a uma [sociedade sem classes](#)”.

32 A expressão “modo de produção comunista”, mencionada no parágrafo em Nota, deriva do vocábulo francês *communisme*, que se desenvolveu a partir do latim *communis* e do sufixo *isme*. “Semanticamente, *communis* pode ser traduzido como ‘de ou para a comunidade’”, ou, ainda, como uma ideia de “comum, universal”, enquanto *isme* é um sufixo que indica “a abstração em um estado, condição, ação ou, ainda, doutrina”. O *comunismo* pode ser interpretado como “o estado de ser *de* ou *para* a comunidade”. Essa constituição semântica “levou a vários usos da palavra em sua evolução. Antes de ser associado ao seu significado mais moderno, no sentido de organização socioeconômica e política”, a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, “o termo foi inicialmente utilizado para designar várias situações sociais”. Há indicações “que a palavra existe desde o século XII para designar certas formas de agrupamento de bens”. Com o sentido moderno de organização social, econômica e política, “o primeiro uso da palavra é atribuído a uma carta enviada pelo escritor e filósofo francês [Victor d'Hupay](#) (1746-1818) ao romancista francês [Restif de la Bretonne](#) (1734-1806) por volta de 1785, na qual d'Hupay se descreve como um ‘autor comunista’. Em 1793, Restif usou pela primeira vez o termo ‘comunismo’ para descrever uma ordem social baseada no [igualitarismo](#) e na [propriedade comum](#). Foi o primeiro a descrever o comunismo como uma forma de governo”. Os vocábulos “comunismo” e “socialismo” geralmente eram utilizados como sinônimos, sendo que a partir de 1840 passaram a ser utilizados distintamente (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo#Etimologia>. Visto em 05.05.2020). “De acordo com o historiador norte-americano [Richard Pipes](#) (1923-2018), a ideia de uma sociedade igualitária e sem classes surgiu pela primeira vez na Grécia Antiga. O movimento dos [mazaces](#) do século V na Pérsia (atual Irã) também foi descrito como ‘comunista’ por desafiar os enormes privilégios das classes nobres e do clero; por criticar a instituição da propriedade privada; e por se esforçar para criar uma sociedade igualitária. Em um momento ou outro, várias pequenas comunidades comunistas existiram, geralmente sob a inspiração das Escrituras cristãs” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo#Hist%C3%B3ria>. Consultado em 05.05.2020). Na literatura, é certo que desde o século XVI, autores como [Thomas Morus](#) (1478-1535), em *A Utopia*, e [Tommaso Campanella](#) (1568-1639), em *A Cidade do Sol*, “já imaginavam uma sociedade de iguais”, sem, contudo, lançar mão da expressão “comunista” para caracterizá-la (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_ut%C3%B3pico. Visto em 05.05.2020). Em sua forma moderna, o comunismo surgiu do movimento socialista na Europa do século XIX. A partir do conhecimento histórico das sociedades comunais primitivas, que Marx e Engels definiram como o período do “[comunismo primitivo](#)”, esses dois filósofos revolucionários conceberam “a principal forma de comunismo na história”, conformando-a como “a doutrina das condições de libertação do proletariado” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. Visto em 05.05.2020). Com a incorporação da expressão por Marx e Engels na obra comum *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848 (tratado político que propunha um tipo particular de comunismo), o termo ficou associado principalmente ao marxismo. Sob a ótica marxiana/engeliana, o *comunismo* diz respeito, de um lado, “a um pensamento político, filosófico, social e econômico”, de outro, a um modo de produção e organização socioeconômica que pretende promover o estabelecimento de uma sociedade *igualitária*, baseada na “propriedade

da sociedade capitalista por uma sociedade comunista.

Em Marx, a ditadura do proletariado é um **estado democrático**, caracterizado pela existência de organismos de governo da classe trabalhadora, cuja autoridade é atribuída e revogada via **sufrágio universal**.

De acordo com o economista Marcos Arruda:³³

“A visão marxiana de democracia, ou de República Democrática, é essencial para a compreensão do que Marx qualificou como ‘ditadura do proletariado’. O conceito de ‘ditadura do proletariado’ não pode ser extraído do seu contexto histórico nem do seu sentido profundo, sob pena de aparecer

comum dos meios de produção com livre acesso aos artigos de consumo” (grifo nosso) – uma *sociedade comunista*. Esta espécie de sociedade implica o fim da *exploração do trabalho* e a *ausência de classes sociais*, prescindindo, assim, do *Estado político*, sendo, por isso, uma sociedade *apátrida* (nessa linha, alguns estudiosos apontam que é preciso distinguir “sociedade comunista” de “Estado comunista”, este último significando “um Estado governado por um partido que professa o *marxismo-leninismo* ou uma de suas variações”) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista. Visto em 05.05.2020). Na concepção marxiana/engeliana, portanto, o comunismo, grosso modo, “é um modo de produção regido por uma *livre associação de produtores*”^[veja Nota específica logo adiante] (grifo nosso). Dessas características decorre a *negação* pelo comunismo do conceito de *propriedade privada dos meios de produção*, os quais se distinguem do que se denomina no marxismo de *propriedade pessoal*, a exemplo dos bens de consumo e de uso pelo cidadão para satisfação das suas necessidades, como carro, roupas, casa etc., que não são, nesta condição, meios de produção, mas consequência destes e, portanto, pertencem ao seu proprietário e continuarão pertencendo, sendo livre a sua disposição. Além disso, o comunismo visa também edificar uma sociedade livre de quaisquer tipos de opressão onde as decisões sobre o que produzir e quais políticas devam ser adotadas são tomadas democraticamente, permitindo, dessa maneira, que cada membro da sociedade organizada possa participar do processo político e econômico (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)) e https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Vistos em 05.05.2020). Karl Marx, um dos seus principais mentores filosóficos da era moderna, postulou que o comunismo seria a fase final do desenvolvimento da sociedade humana, culminando com a *emancipação total do homem* (*emancipação humana*, que se difere de emancipação política), e que isso seria alcançado através de uma revolução proletária, isto é, uma revolução encabeçada pelos trabalhadores das cidades e do campo. Com a implantação do comunismo, o escopo econômico e social seria voltado para o bem-estar do proletariado, ou trabalhador de maneira geral, seguindo-se o princípio “*de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades*”. Na etapa comunista, tem-se como concluído o processo de *superação* do modo de produção e organização socioeconômica capitalista pelo modo de produção comunista, iniciado com a implantação do socialismo. Como tal, o comunismo é a etapa final para a superação do capitalismo. Um sistema socioeconômico comunista “seria caracterizado por uma tecnologia produtiva avançada que permite a abundância material, que por sua vez permitiria a distribuição livre da maior parte ou de toda a produção econômica e a detenção dos meios de produção desta produção em comum. A este respeito, o comunismo diferencia-se do socialismo, o qual, por necessidade econômica, restringe o acesso a artigos de consumo e serviços com base na *contribuição de cada um*”. Em contraste com os sistemas econômicos anteriores, “o comunismo seria caracterizado pela posse de recursos naturais e meios de produção em comum, em vez de serem de propriedade privada (como no caso do capitalismo) ou propriedade de organizações públicas, ou cooperativas que restringem o seu acesso de forma semelhante (como no caso do socialismo [estrito senso]). Nesse sentido, o comunismo envolve a ‘negação da propriedade’ [dos meios de produção] enquanto haveria pouca lógica econômica para o controle exclusivo dos bens de produção num ambiente de abundância material” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista. Visto em 05.05.2020). Marx não chegou a fornecer uma descrição detalhada de como o comunismo poderia funcionar como modo de produção e organização socioeconômica. Na obra *Crítica ao Programa de Gotha*, de 1875, encontramos uma breve análise nessa direção, sendo “talvez um dos pronunciamentos mais detalhados de Marx sobre assuntos revolucionários, visto que, em termos de programação e estratégia, o documento discute a revolução socialista, a ‘ditadura do proletariado’ – período de transição do capitalismo para o comunismo –, o internacionalismo proletário e o partido da classe operária”, bem como “traz elucidaciones quanto ao princípio ‘De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades’, como base para a sociedade comunista”^[mais sobre essa obra, veja Nota específica mais à frente] (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. Visto em 05.05.2020). O comunismo “inclui uma variedade de escolas de pensamento que incluem o marxismo e o anarcocomunismo, assim como as ideologias políticas agrupadas em torno dessas escolas”. Após o advento da Revolução Russa de 1917, “vários Estados passaram a ser identificados como comunistas: esses países adotaram a ideologia comunista do marxismo-leninismo ou uma variação dele (a exemplo do maoísmo na República Popular da China, Albânia e Coreia do Norte, e do marxismo de Cuba e dos partidos únicos africanos). Junto com a social-democracia, o comunismo se tornou a tendência política dominante dentro do movimento

distorcido e desfigurado, traindo a intenção do seu autor. República Democrática e ‘ditadura do proletariado’ são duas faces da mesma moeda”.

Continua Arruda:

“Marx partiu do reconhecimento da realidade da **ditadura da burguesia** sobre e contra o proletariado no início da industrialização europeia. Ditadura brutal, opressora, escravizadora e alienadora, que Lenin chamou de ditadura da burguesia ou dos proprietários do capital. E partiu também da experiência inovadora e trágica da Comuna de Paris. O ato emancipador dos oprimidos, segundo Marx, não é possível sem que haja ruptura. Ruptura **não necessariamente cruenta**, mas certamente epistemológica, isto é, de paradigma e de *práxis*³⁴ do poder. A experiência de Marx e Engels em relação à burguesia do seu tempo lhes deu a convicção de que esta ruptura não poderia ser senão violenta. Infelizmente, as experiências de ruptura ocorridas nas últimas décadas nos marcos da democracia burguesa, mesmo que fundadas em eleições democráticas, têm sido destruídas por golpes militares, invasões armadas ou por cooptação. Essas derrotas do campo popular não alimentam convicção diferente nem trazem esperança de que transformações que atinjam as **raízes** do sistema de opressão de classes possam ocorrer sem violência.

Um elemento essencial da compreensão do conceito de transformação do Estado, em Marx, são as fases deste processo. Primeira fase, tomada do poder do Estado pela classe proletária – hoje, pelo conjunto das classes que vivem do seu trabalho, saber e criatividade. Segunda fase, instalação de um aparelho de Estado a serviço da emancipação, desalienação e empoderamento das classes trabalhadoras; entenda-se, no contexto atual, a serviço da reconquista da soberania nacional e popular, por meio da edificação da **democracia integral, direta, eficaz e efetiva**, de uma relação solidária e irmã com outros povos e com o meio natural. Terceira, a **superação do Estado e do seu aparelho** por um modo de representação capaz de orquestrar a diversidade sem feri-la nem eliminá-la, e **superando toda forma patriarcal e hierárquica de poder**. Os elementos básicos da ‘ditadura do proletariado’ são sua **transitoriedade**, a **demolição jurídica do sistema de propriedade** [dos meios de produção, digo eu] e o estabelecimento de uma ordem em que os **produtores governam a si próprios**” (grifo nosso).

socialista internacional na década de 1920. O surgimento da União Soviética (1924) como o primeiro Estado nominalmente comunista do mundo levou à associação generalizada do comunismo ao marxismo-leninismo e ao modelo econômico soviético. [...] Alguns economistas e intelectuais argumentam que, na prática, o modelo sob o qual esses Estados nominalmente comunistas operavam era, na verdade, uma forma de [capitalismo de Estado](#) ou uma economia planificada e estatizada, não um modelo econômico comunista real de acordo com as definições mais aceitas de comunismo como uma teoria econômica” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>. Consultado em 05.05.2020).

33 ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>. Consultado em 15.05.2020. O parágrafo seguinte também foi redigido com base no artigo referenciado.

34 *Práxis* é a união *dialética* entre teoria e prática: “Visão e sua prática, conceito e sua implementação” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>. Consultado em 15.05.2020).

De acordo com a teoria marxiana, qualquer Estado moderno é necessariamente **burguês** ou **proletário** por natureza. Em um e noutro caso, utiliza-se o vocábulo “ditadura” porque uma das duas classes sociais reterá o aparelho do Estado para dominar, com seus implementos de força e opressão.³⁵

Nesse sentido, o domínio político e econômico no capitalismo é caracterizado, por sua vez, também por uma “ditadura”, a “**ditadura da burguesia**”. O termo assim empregado, tanto em uma hipótese como na outra, difere-se da noção popular de ditadura³⁶.

Avançando sobre o passo seguinte à ditadura do proletariado, Marx prescreve que após a transição do socialismo para o comunismo ter-se-á uma sociedade **sem classes** e, por conseguinte, uma sociedade **sem sua dimensão estatal**, sendo o Estado político abolido.

No lugar da “velha” sociedade, ergue-se uma sociedade comunista, sem exploração, sem classes, sem sua dimensão estatal, uma **livre associação de produtores**, que resultaria, finalmente, na verdadeira **emancipação do homem**³⁷.

35 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. Consultado em 15.05.2020. Os parágrafos seguintes também foram redigidos com base no *site* em referência.

36 *Ditadura*, no sentido não marxiano, diz respeito a um “regime não democrático, ou seja, governo regido por uma pessoa ou entidade política onde não há participação popular, ou essa participação ocorre de maneira muito restrita. Na ditadura”, sob esse significado, “o poder está em apenas uma instância, ao contrário do que acontece na democracia, onde o poder está em várias instâncias, como o legislativo, o executivo e o judiciário”. “Ditadura”, na acepção da palavra como exposta nesta Nota, “é uma forma de autoritarismo”. Segundo Kalina Wanderley e Maciel Silva, “pode-se apontar, como elementos comuns nas ditaduras contemporâneas: ‘o cerceamento de direitos políticos individuais, ampla utilização da força pelo Estado e o fortalecimento do poder executivo em detrimento dos outros poderes’”. Um “estado de exceção” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>. Consultado em 15.05.2020).

37 Na acepção comunista, *livre associação* (também chamada “livre associação dos produtores” ou, como Marx frequentemente chamava, “comunidade dos indivíduos livremente associados”) é um “modo de *relação social* entre indivíduos em que não há a presença do Estado intermediando essa relação, tampouco de uma *classe social dirigente*, pois pressupõe a abolição da propriedade privada dos meios de produção, e, com ela, a inexistência da divisão social em classes (detentores (capitalistas) e não detentores (proletariado) dos meios de produção); não mais, por assim ser, se justificando a existência do Estado político ‘regulador’ dessa sociedade” (grifo nosso). O conceito de “livre associação”, porém, torna-se mais claro em relação ao conceito de proletariado. “O proletário é o indivíduo que não tem propriedade de nenhum meio de produção e que, portanto, para sobreviver, vende a única coisa que ainda possui, as suas aptidões e habilidades (força de trabalho), àqueles que detêm a propriedade privada dos meios de produção, em troca do salário. A relação entre proletários e proprietários dos meios de produção é, com isso, uma *associação forçada*, em que o proletário é ‘livre’ apenas para vender sua força de trabalho, se quiser sobreviver. Ao vender sua capacidade produtiva em troca do salário que lhe garanta a sobrevivência, o proletário coloca sua própria atividade prática sob a vontade do comprador (o proprietário), tornando-se alienado de seus próprios atos e dos produtos dele, numa relação de dominação e exploração. A livre associação seria, então, a sociedade que o proletariado criaria se ele conseguisse suprimir a propriedade privada dos meios de produção para dispor deles livremente, o que acarretaria o fim da sociedade de classes, ou seja, não mais existiriam proprietários individuais dos meios de produção nem proletários e tampouco Estado, mas apenas indivíduos livremente associados. O conceito comunista de livre associação é, muitas vezes, considerado utópico ou abstrato demais para nortear uma prática transformadora da sociedade. Ele estaria no plano dos sonhos. No entanto, é valorizado por tendências atuais, a exemplo do movimento do [software livre](#) como um princípio básico nas relações entre desenvolvedores de softwares não proprietários” (grifo nosso). Outros contra-argumentam que “a livre associação não é uma utopia, e menos ainda um sonho, mas uma exigência emancipatória que surge necessariamente da própria condição material que constitui o proletariado (ou seja, a ‘privação de propriedade’ e a constante ‘luta social’ contra a submissão e exploração que essa privação acarreta e que o coloca contra o Estado e o capital). Porém, as tendências que advogam uma fase de transição (principalmente a [social-democracia](#) e o [leninismo](#)) adiam-na para um futuro mais ou menos longínquo, ficando ela, assim, cada vez mais em segundo plano diante da tarefa de estabelecer uma fase de transição. Na linha leninista, como o proletariado não pode ter interesse em que sua própria emancipação seja adiada para um futuro indefinido, a busca de uma ‘fase de transição’ é necessariamente uma tarefa que é assumida não pelo proletariado autônomo, mas por uma [vanguarda](#) intelectual ou por políticos profissionais. Isso acabou por culminar no [stalinismo](#) e no [maoismo](#) por exemplo, como ocorreu na União Soviética e na República Popular da China, respectivamente”. Por sua vez, “a social-democracia, em sua origem, defende que o advento da livre associação virá gradualmente através de reformas feitas por representantes políticos eleitos num Estado democrático. Entretanto, nos atuais partidos social-democratas o conceito de livre associação foi praticamente abandonado”. Já as tendências atuais “derivadas do [comunismo de conselhos](#) entendem a livre associação como a base prática fundamental de transformação da sociedade

A ditadura do proletariado concretiza o estágio do processo revolucionário da completa **socialização** (democratização) dos principais **meios de produção**³⁸, isto é, o planejamento da produção de bens para atender às necessidades sociais, a garantia de um direito efetivo ao trabalho, educação, saúde e habitação para as massas e o desenvolvimento mais completo da ciência e tecnologia, de modo a multiplicar a produção para alcançar uma maior satisfação social.

No socialismo, sob a ditadura do proletariado, as divisões sociais entre classes continuam existindo temporariamente, mas o **proletariado torna-se a classe dominante** e a opressão continua sendo usada para suprimir a contrarrevolução burguesa, até o estágio seguinte, o comunismo.

Segundo Marx e Engels, a Comuna de Paris de 1871 (que durou por cerca de dois meses, antes de ser drasticamente reprimida pela burguesia) teria sido um exemplo de ditadura do proletariado³⁹.

Marx não escreveu muito sobre a natureza da ditadura do proletariado, pois seu objetivo era a crítica ao capitalismo e até mesmo às vertentes do socialismo surgidas em sua época (principalmente os socialistas “utópicos”). Entretanto, concordava com determinadas

em todos os níveis, desde o nível cotidiano (busca de um relacionamento interpessoal libertário, crítica do consumismo, crítica do comportamento conformista e obediente) até o nível da sociedade mundial como um todo (luta contra o Estado e contra a classe dominante em todos os países, luta pela destruição das fronteiras nacionais, apoio à luta auto-organizada dos oprimidos e aos ataques à propriedade, apoio às greves e à luta autônoma dos trabalhadores e desempregados)” (Disponível em [Livre associa%C3%A7%C3%A3o \(comunismo e anarquismo\)](#). Consultado em 15.05.2020).

38 “A socialização e a coletivização dos meios de produção não são estatização, porque, no marxismo, o Estado moderno também deve ser superado e perecer, por ser um produto do capital, embora a estatização possa ser um momento determinante do processo revolucionário” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Consultado em 15.05.2020).

39 *A Comuna de Paris* é considerada “o primeiro governo operário ou proletário da história”, fundado em 1871, na capital francesa, por ocasião da resistência popular ante a invasão da França por parte do [Reino da Prússia](#) – a [Guerra Franco-Prussiana](#). “Essa guerra, com a vitória do exército prussiano, marcou a queda de [Napoleão III](#) e do sistema monárquico na França. Com isso, foi proclamada a [Terceira República Francesa](#) (que durou até a Segunda Guerra Mundial), legitimando um governo provisório de defesa nacional para o qual [Louis Adolphe Thiers](#), membro da Assembleia Nacional Francesa, foi eleito presidente. O Governo Provisório de Thiers, com sede na prefeitura de Paris, iniciou um processo de capitulação da França entregando ao invasor (Prússia) a maior parte de seu exército permanente bem como suas armas, a contragosto da população parisiense. Grupos organizados de Paris, que se opunham à invasão prussiana, foram contidos pelo governo de Thiers. Os insurretos, porém, contiveram a intervenção estatal, obrigando os membros do governo a abandonar precipitadamente Paris, fugindo para Versalhes. Ficando Paris sem autoridade, deu-se início à independência política da capital frente à Assembleia de Versalhes, culminando com a eleição e a declaração da Comuna em 26/28 de março. O governo revolucionário formou o Comitê Central da federação dos bairros que ocupou aquele vácuo de autoridade e se instalou na prefeitura de Paris. O Comitê era formado por membros da [Associação Internacional dos Trabalhadores \(AIT\)](#), por proudhonistas [seguidores do socialista “utópico” francês Proudhon] e uma miscelânea de indivíduos, a maioria trabalhadores braçais, escritores e artistas, mas que também incluía pequeno-burgueses. Eleições foram realizadas em todos os níveis da administração pública obedecendo à lógica da democracia direta. Noventa representantes do Comitê foram eleitos, mas apenas vinte e cinco eram trabalhadores e a maioria foi constituída de pequeno-burgueses. Entretanto, os revolucionários predominavam. Porém, em troca de concessões da França, o chanceler prussiano [Otto von Bismarck](#) libertou franceses presos de guerra para que pudessem ajudar no cerco à cidade, pondo-se um fim à experiência comunal em 28 de maio, após 7 dias de guerra civil – a ‘Semana Sangrenta’. O governo da Comuna de Paris durou oficialmente 46 dias, de 18 de março a 28 de maio de 1871. Em parte, “a limitação geográfica do governo comunal, restrito à capital francesa, facilitou a sua derrota”. Devem-se somar a isso outros fatores: “as divisões políticas dentro do movimento, o fato de o governo formado em Paris não ter atacado Versalhes e a ausência de um comando militar suficientemente preparado para uma eventual invasão”. Com a derrota do governo comunal, Marx e Engels produziram diversas análises a partir daquela experiência. Uma delas foi evidenciar que “a Comuna foi muito além de uma guerra civil; sendo uma primeira expressão da luta de classes em um país em pleno desenvolvimento capitalista”. A Comuna de Paris – considerada também por alguns estudiosos “a primeira república proletária da história” – adotou uma política de caráter socialista, baseada nos princípios da AIT. Tanto Marx quanto Engels argumentaram que a Comuna de Paris foi um exemplo de “ditadura do proletariado” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris. Consultado em 16.05.2020).

correntes de historiadores que consideravam improvável que as elites abandonassem seus privilégios sem luta.

Em sua obra *Crítica ao Programa de Gotha*, publicada em 1875, Marx expandiu um pouco suas ideias sobre a ditadura do proletariado e também sobre o comunismo⁴⁰.

Como é sabido, nosso projeto de leitura **Expedição Karl Marx: Para ler *O capital*** está delimitado aos ensinamentos econômicos relativos à crítica marxiana da economia política capitalista que nascem das suas obras. Assim sendo, ficamos por aqui, no que se refere às categorias sócio-político-ideológicas associadas ao pensamento revolucionário de Karl Marx.

40 *Crítica ao Programa de Gotha* é um documento baseado em uma carta que Marx escreveu, no início de 1875, remetida para a cidade alemã de Gotha, onde um congresso do partido democrata ocorreria, tendo como destinatário o grupo da social-democracia alemã da cidade de Eisenach, do qual Marx e Engels eram próximos. “Esse talvez seja um dos pronunciamentos mais detalhados de Marx sobre assuntos revolucionários. Em termos de programação e estratégia, o documento discute a revolução socialista, a ‘ditadura do proletariado’ — o período de transição do capitalismo para o comunismo; o internacionalismo proletário e o partido da classe operária” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_ao_Programa_de_Gotha. Consultado em 16.05.2020). Em *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx “faz uma crítica mordaz e ataques aos princípios estabelecidos no programa do Partido dos Trabalhadores Alemães (antecessor do [Partido Social-Democrata da Alemanha](#)). O programa apresentava uma forma moderada e evolutiva para o socialismo, em oposição à abordagem revolucionária e violenta dos marxistas ‘ortodoxos’. Como resultado, Marx acusou o programa de Gotha como sendo revisionista e ineficaz” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. Consultado em 16.05.2020). Como Karl Marx escreveu pouco sobre como o modo de produção socialista/comunista funcionaria, a tarefa foi também realizada mais tarde, no século XX, por [Vladimir Lenin](#) (1870-1924) em suas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABÍLIO, Ludmilla Costhek. **Precarização do Trabalho** (Entrevista). Disponível em <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/590086-o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmila-costhek-abilio>.
- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre-RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n. 21, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Ricardo. **A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária** (Vídeo). Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BEZERRA, Juliana. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, edição 54, 2002. Disponível em <https://fmauriciograbo.org.br/portal/autores/148683-39634/2015-02-09/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-media-1-parte> e <https://www.grabo.org.br/portal/autores/148682-39634/2015-02-19/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-media-2-parte>.
- COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p. 65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.
- ENGELS, Friedrich. **Carta a Karl Marx (Manchester, 23 de setembro de 1852)**. Disponível em <http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP40Port.htm>.
- GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.
- GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.
- MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.
- _____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.
- _____. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.
- MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp, 2010, p. 14. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.
- SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segala/04.htm>.
- SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.
- SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE INFOPEDIA. **Relações Sociais**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

SITE WIKIPEDIA. **Burguesia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.

_____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Comuna de Paris**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.

_____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.

_____. **Comunismo primitivo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo_primitivo#Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o_primitivo. em

_____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em

_____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.

_____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado.

_____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico. em

_____. **Economia socialista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_socialista.

_____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em

_____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.

_____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.

_____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.

_____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

_____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em

_____. **História do socialismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_socialismo.

_____. **Influência sem Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%AAncia_em_Karl_Marx. em

_____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.

_____. **Livre associação de produtores**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)). em

_____. **Luta de classes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.

_____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.

_____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em

_____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.

_____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.

_____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em

_____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em

_____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em

_____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.

-
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia da economia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia).
- _____. **Modo de produção**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo de produ% C3%A7% C3% A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3% A3osocialista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista). em
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph Proudhon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon).
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino da Pr%C3%BAssia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia).
- _____. **Relações de produção**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es de produ% C3%A7% C3% A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/ Industrial Revolution](https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution).
- _____. **Revoluções burguesas**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es burguesas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_burguesas). em
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Revolu%C3%A7%C3% A3o Industrial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial). em
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Etimologia>.
- _____. **Socialismo Primitivo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Socialismo primitivo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo#Socialismo_primitivo).
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade comunista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista).